

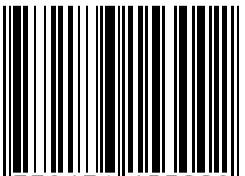
UBC

REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#03_NOVEMBRO DE 2009

O REI ERASMO CARLOS

ELE FALA DE ROCK'N'ROLL, LIVRO, DIREITOS
AUTORAIS E PÁSSAROS

ISSN 2176153-1



9 772176 153002



GONZAGÃO

MÚSICA NA ESCOLA

GRAMMY LATINO 2009

PARA A UBC, É UMA
HONRA
CONTAR COM TANTOS
TALENTOS

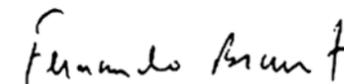
JOTA QUEST * RITA LEE * ROUPA NOVA
SKANK * ERASMO CARLOS * TITÁS
ZECA BALEIRO * ZELIA DUNCAN
HARMONIA DO SAMBA * MARISA MONTE
DANIEL * TRADIÇÃO * NETINHO
ORQUESTRA CONTEMPORANEA DE OLINDA
ELBA RAMALHO * ANDRE VALADAO
JAIR OLIVEIRA & TANIA KHALILL

PARABÉNS A TODOS OS INDICADOS

EXEMPLOS DE JUSTIÇA E AMIZADE

A UBC está triste. O Brasil perdeu um brasileiro digno, que cultuou um amor imenso pela vida, pelas pessoas, pelo direito e pela justiça. Um homem especial e de muito caráter era o Ministro **Carlos Alberto Menezes Direito**. Homem de fé, homem sereno. Dentre suas qualidades destacava-se, para nós em especial, o conhecimento profundo das questões de direito autoral. Muito do que conquistamos devemos a ele, pelos conselhos, pela indicação de caminhos, pela lucidez e solidariedade. A falta que ele nos faz, já sentimos. A falta que ele nos fará, só o tempo dirá. Ele estará sempre em nossos corações.

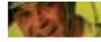
Enquanto lamentávamos essa dor, uma outra, inesperada, vem nos machucar. **Henrique Gandelman**, mestre em Direito Autoral e em Villa-Lobos, pai de grandes amigos nossos, se vai e nos deixa exemplos, lembranças e saudade.



Fernando Brant



REVISTA DA
UNIÃO
BRASILEIRA DE
COMPOSITORES
#03_NOVEMBRO DE 2009

-  04 NOTAS E LANÇAMENTOS
-  07 FIQUE DE OLHO
-  08 HOMENAGEM
-  11 AGREGADORES DIGITAIS
-  12 ERASMO CARLOS
-  16 DISTRIBUIÇÃO
-  18 GONZAGÃO
-  20 NIVALDO
-  21 MÚSICA NA ESCOLA
-  22 AGENDA

A Revista UBC é uma publicação da União Brasileira de Compositores, uma sociedade sem fins lucrativos que tem como objetivo a defesa e a distribuição dos rendimentos de direitos autorais e o desenvolvimento cultural. **Diretoria:** Fernando Brant (presidente), Abel Silva, Edmundo Souto, José Antônio Perdomo, José Loureiro, Paulo Sérgio Valle e Ronaldo Bastos | **Diretora Executiva:** Marisa Gandelman | **Coordenação editorial:** Elisa Eisenlohr | **Projeto gráfico e diagramação:** 6D | **Edição e redação:** Batuta Comunicação (Vivi Fernandes de Lima, MTB 23251) | **Editores Assistentes:** Ana Hupe | **Colaboradores:** Cecília Melo Rodrigues, Fernanda Lacerda, Gabriel Versiani, Márcio Guerra, Pedro Paulo Malta, Roberta da Costa | **Distribuição gratuita** | **Tiragem:** 5.000 exemplares.

UBC



NOVIDADES NACIONAIS



Foto de divulgação

FELGUK

MÚSICA ELETRÔNICA BRASILEIRA ENCANTA MADONNA

A dupla carioca Felguk, composta por Felipe Lozinsky e Gustavo Rozenthal vem dominando a cena da música eletrônica. Depois de tocar em festivais e em festas pelo Brasil, estão na segunda turnê pelos EUA. A última novidade foi uma ligação em julho da Warner pedindo um remix da música "Celebration", que dá nome ao próximo disco de Madonna, a ser lançado em setembro. Depois de enviadas duas amostras, Rozenthal atendeu uma ligação da própria cantora, que disse adorar as músicas do Felguk. A última versão foi aprovadíssima.



MARCOS VALLE

MARCOS VALLE E JAY-Z AGORA SÃO PARCEIROS

A faixa "Thank You", do novo CD do rapper Jay-Z, "The Blueprint 3", tem trechos da música "Ele e Ela", de Marcos Valle. Na negociação entre as editoras dos dois artistas, Valle ficou com o 40% da autoria, formando assim a primeira parceria entre os dois.



Foto de divulgação

ADAIR DE FREITAS

ADAIR DE FREITAS DIVULGA SEU DVD

Para se deleitar com a música rio-grandense, a dica é o DVD Universo Campeiro, um acústico ao vivo, último trabalho de Adair de Freitas. O artista, natural de Santana do Livramento e radicado na Grande Porto Alegre, faz música gaúcha de raiz. "Estampa Campeira" é uma de suas criações recentes, um chamamé com letra e música de sua autoria. Já "Ouro Branco" é uma milonga, fruto da parceria de Freitas com Alvandy Pedroso e Osmar Pedroso.

NOVOS ASSOCIADOS

As gravadoras **Trama, NS Records e Biscoito Fino** agora integram a lista de titulares da UBC.

A cantora **Maria Bethânia**, o cantor de funk **Abdullah**, o cantor e compositor **João Pinheiro**, **Bertha Celeste Homem de Mello**, autora da versão brasileira de "Parabéns a Você", e **Alex Gonzaga**, do grupo gospel Novo Som, são alguns dos artistas que também se associaram recentemente à sociedade.

O número de músicos sertanejos associados também aumentou com **Mario Testoni Junior**, que toca com Zezé Di Camargo e Luciano, **Alex de Souza Freitas**, e a dupla **Alan e Alex**.

NA BATIDA DO FUNK

Embora paulistano, foi nas rádios de Porto Alegre que o **MC Jean Paul** começou a tocar seu funk melody. Seus shows no Brasil chegam a contar com até 100 mil pessoas. No exterior, já animou palcos do Japão. Depois de lançar o CD promocional "A Partir de Agora o Baile é Funk", em 2006, ele prepara uma coletânea com seus 25 maiores sucessos.

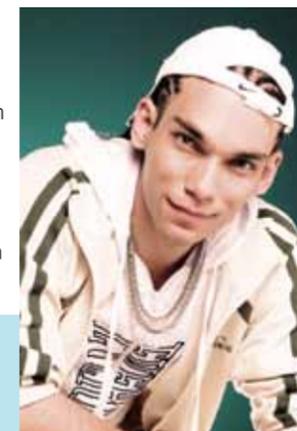


Foto de divulgação

MÚSICA NA CABECEIRA

ATAULFO E CLUBE DA ESQUINA TÊM LUGAR GARANTIDO NA CABECEIRA

"Ataulfo Alves – Vida e obra", de Sérgio Cabral, e "Coração Americano", organizado por Andréa Estanislau, são dois lançamentos recentes que devem ganhar um lugar na cabeceira de todo amante da música brasileira. O jornalista Sérgio Cabral, além de narrar histórias da vida de Ataulfo informa a musicografia do artista, uma das maiores da música popular brasileira – ultrapassa 320 composições. Já "Coração Americano", com lançamento no Rio em 24 de novembro, é dedicado aos fãs do disco "Clube da Esquina". O livro reúne entrevistas, histórias e textos de Márcio Borges, Chico Amaral, Ronaldo Bastos, Wagner Tiso e Fernando Brant, entre outros participantes do movimento capitaneado por Milton Nascimento.



OPS! FOI MAL...

• Na seção Notas da edição passada publicamos uma nota sobre a biografia de Wilson Simonal que estava prestes a ser lançada. Ao nos referirmos ao sucesso "Meu Limão, Meu Limoeiro", dissemos que a composição era de domínio público. O correto seria informar que Simonal gravou uma versão de autoria de **José Carlos Burle e Carlos Imperial** para uma obra de domínio público.

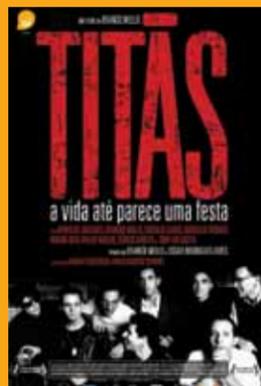
• Na página 16, ao citarmos a música "Você Não Vale Nada", dissemos que a gravação que fazia sucesso na novela Caminho das Índias era do grupo Batom na Cueca. Embora o grupo citado tenha de fato gravado a composição, a interpretação que compõe a trilha da novela é da banda **Calcinha Preta**.

LANÇAMENTOS



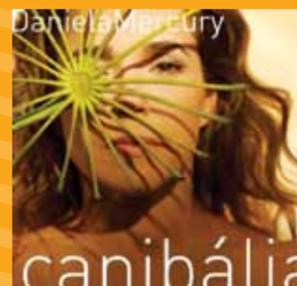
PROFITEROLIS

(Coquetel Molotov Discos)
A banda pernambucana foi contemplada pelo Programa Petrobras Cultural e lançou o disco "Pare e Siga". Gravado ao vivo no Recife, traz novas canções como "Linha Reta", "Astros e Estrelas" e "O Herói da Estória".



TITÃS

(Moviemobz)
O DVD "A vida até parece uma festa" conta a história da banda a partir de seus arquivos pessoais. As filmagens começaram logo no início da década de 80, quando Branco Mello comprou uma câmera VHS. Os bastidores do intenso convívio da banda são apresentados.



DANIELA MERCURY

(Sony/BMG)
"Canibália" mistura samba-reggae com música eletrônica e ainda celebra o centenário de Carmem Miranda. O disco traz inéditas e autorais, como o reggae "Sol do Sul", composto por Daniela em parceria com seu filho, Gabriel Povoas, e o afro-pop "Ouá por Nós", feito com Margareth Menezes.



RAUL SEIXAS

(MZA Music)
A nova coletânea em homenagem ao maluco beleza, "20 Anos Sem Raul Seixas", foi lançada em CD e DVD. No pacote, estão a música inédita "Gospel", clássicos em versões demo e inglês, e ainda o documentário "Raul Seixas Também é Documento", de Paulo Severo, lançado originalmente em 1998.



BONS NEGÓCIOS

Por Gabriel Versiani

PESQUISA DE ENTIDADES INGLÊSAS REVELA OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA PARA AS EMPRESAS

As entidades inglesas PRS for Music (que recolhe e repassa os honorários de compositores e editoras) e PPL (de intérpretes e gravadoras) divulgaram, em março deste ano, uma pesquisa importante para o mundo da música. As entidades encomendaram à principal empresa de consultoria em mídia na Europa, EMR, um levantamento inédito sobre o impacto da música em diversos segmentos de negócios. O resultado foi publicado no site Music Works For You.com. A pesquisa indica que a música, bem utilizada, pode trazer benefícios reais para empresas, aumentando lucros, atraindo clientes e melhorando a produtividade de empregados. Sendo tanto a PPL quanto a PRS responsáveis pelo licenciamento de execução musical em público no Reino Unido, o Music Works salienta a necessidade de licenciamento e pagamento de royalties por parte das empresas que armazenam e reproduzem conteúdo musical.

TRILHAS PARA O AMBIENTE

A pesquisa ouviu mais de 2 mil pessoas em estabelecimentos como pubs, bares, hotéis, lojas de rua, academias, salões de beleza, escritórios, fábricas e outros estabelecimentos. Seu resultado mostra que a maioria dos consumidores e empregados gosta de ouvir música, e que uma empresa cria um ambiente melhor ao utilizá-la a seu favor. Dados mostram que 71% dos empregados gostariam de poder ouvir música no trabalho. Ao mesmo

tempo, 66% dos empregados acreditam que a música faz com que eles se sintam mais motivados. Destes, 25% declaram que ficariam menos "doentes" se houvesse música no ambiente de trabalho e 77% disseram que são mais produtivos com uma boa trilha sonora. Segundo o Music Works, mais de um terço dos consumidores pagariam 5% a mais voluntariamente por produtos e serviços de locais que tenham música. Setenta por cento das pessoas disseram que pagariam mais para ir a um restaurante com música do que em outro sem. A pesquisa revela que, em eventos, um estande pode aumentar seu movimento em 52% simplesmente por tocar música. Quase todos os entrevistados (91%) disseram que gostam de ir a um bar com música. Mais de três quartos dos frequentadores afirmam que ela estimula a ida a determinado local, e 82% dos cervejeiros dizem que pediriam mais uma dose se as pessoas estivessem curtindo o som ambiente.

Isso evidencia a ligação entre música e lucros.

No Brasil, o Ecad – assim como as empresas inglesas – recolhe direitos autorais de todo o estabelecimento comercial que utiliza música ambiente. Segundo o Gerente de Arrecadação, Márcio Fernandes, até agosto deste ano a arrecadação foi de 17,7% maior que a de 2008 no segmento que engloba lojas, shoppings e outros estabelecimentos - atingindo um patamar acima de R\$ 79 milhões. "Estamos focando nos chamados usuários de rede. Este ano fechamos parcerias importantes, dentre elas com a C&A e O Boticário", diz. As mais de 2700 lojas da rede de cosméticos terão um display com os dizeres "O Boticário reconhece a importância da música em seus estabelecimentos, por isso paga direito autoral de execução pública das músicas tocadas nesta loja". Os números mostram que a música é componente importante do marketing da empresa: uma pesquisa interna mostrou que 52% dos consumidores ficam mais tempo na loja do que o planejado devido à música. 

FIQUE DE OLHO

INFORME SUA SINCRONIZAÇÃO

Atenção, associado: caso sua música seja executada na TV ou incluída em uma obra audiovisual, como filme, e série de TV, informe à UBC o nome das músicas, das obras audiovisuais, dos canais e datas de transmissão, através do e-mail atendimento@ubc.org.br. Isto é importante para que seus direitos autorais sejam repassados de forma mais rápida e eficiente.



UBC NA REDE

Os acessos ao www.ubc.org.br vêm aumentando: **de março até agosto houve um crescimento de 14%**, alcançando um patamar próximo a 5 mil por mês. A seção Informe seu Show é um dos destaques do site que apresenta resultados positivos.

A divulgação dos shows é importante para que a UBC assegure que o Ecad faça as cobranças dos direitos autorais.

ISRC ONLINE

A nova versão do Fonograma Web, para a geração de ISRC on-line, faz mais rapidamente o cruzamento das informações cadastradas com a base de dados de titulares e obras da UBC. Isso faz com que o ISRC seja registrado no ECAD mais rapidamente. O programa foi desenvolvido pelo departamento de informática que conta com dez analistas. **Esse serviço está disponível no www.ubc.org.br.**

MÚSICA E MERCADO

A UBC e o Fórum da Música de Minas Gerais organizaram em agosto o **1º Seminário de Música e Mercado, em Belo Horizonte**. No encontro entre músicos, produtores, empresários, autoridades e estudiosos houve debates liderados pelo advogado Sydney Sanches; o presidente da UBC, Fernando Brant, o diretor de música da Funarte, Cacá Machado, e o secretário de Cultura de Minas Gerais, Paulo Brant, entre outros. As discussões priorizaram temas como: "Programas e editais públicos"; "Planejamento estratégico do setor"; "Intercâmbio e exportação da música"; "Apresentação de ações integradas para fortalecimento da cadeia produtiva"; "Direito autoral no Brasil e no mundo"; e "O criador e seus direitos autorais".

SKY PERDE NA JUSTIÇA

O Tribunal de Justiça de São Paulo determinou que a Sky deve fazer o pagamento de direitos autorais ao Ecad proporcionais a R\$1,16 por assinante/mês desde janeiro de 2004, mais multa, correção e juros. Para Samuel Fabel, do setor jurídico do Ecad, esta é mais uma conquista: **"o Tribunal entendeu que quem deve determinar o preço da obra é o Ecad"**.

BIBLIOTECA DE SONS

Está prevista para o próximo ano a **criação de uma biblioteca de sons na UBC**. A iniciativa tem o objetivo de facilitar a identificação das obras. Para isso, é preciso que os titulares enviem gravações de seus trabalhos. Mais informações pelo telefone (21) 2223-3233 no setor de Atendimento ou na sua filial.

VMB E PRÊMIO MULTISHOW

Depois do prêmio Multishow, realizado em agosto, foi a vez do Video Music Brasil, VMB 2009, promovido pela MTV em outubro. Por um lado, os prêmios divulgam o trabalho dos artistas. Mas por outro, ironicamente, essas emissoras **não estão em dia com o pagamento do direito autoral**. E o mais curioso é que a música é justamente - ou seria injustamente? - a matéria-prima de suas programações. O prêmio Revelação do VMB foi um repeteco do Multishow, com a vencedora banda Cine. Outra coincidência aconteceu no prêmio de melhor videoclipe. No Multishow, o grupo Skank ganhou com o clipe "Ainda Gosto Dela", e no VMB, com o "Sutilmente". Marisa Monte também ganhou destaque no Multishow. Reconhecida como melhor cantora, também levou o prêmio de melhor DVD. As categorias "Rock alternativo" e "Melhor show" ficaram para a banda Móveis Coloniais de Acaju.



Recentemente, a luta pelo direito autoral no Brasil sofreu duas grandes perdas. Em setembro, faleceram o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Carlos Alberto Menezes Direito, e o advogado e autor de livros sobre o segmento, Henrique Gandelman, dois exemplos de profissionais que contribuíram significativamente para os avanços na área. Menezes chegou a ser presidente do Conselho Nacional de Direito Autoral, organismo de consulta e fiscalização do setor em atividade de 1976 a 1990.

O advogado da UBC, Sydney Sanches, considera um privilégio ter conhecido o ministro. "Homem de personalidade forte, religioso, franco, claro em suas posições e de uma erudição cultural ímpar. Ele tem um papel histórico na consolidação da jurisprudência brasileira em favor dos autores no Superior Tribunal de Justiça (STJ). Socorreu as reclamações dos titulares de direitos autorais em momentos importantes, sendo estratégico na consolidação da norma especial e das prerrogativas legais dos titulares de direitos autorais", conta Sanches.

Tanto Menezes quanto Gandelman fazem parte de uma caminhada que resultou na instituição da lei 9.610/98, um marco na história do direito autoral. "A primeira conquista foi a Constituição de 1988 que, no capítulo dos direitos e garantias dos cidadãos, consagrou

HISTÓRICOS DE CONQUISTAS

Por Roberta da Costa

O Brasil perde exemplos na defesa do direito autoral, mas a caminhada continua



os direitos autorais em cláusula pétrea. A seguir, veio a lei de 1998, outra conquista longamente perseguida pelos autores. As coisas ficaram mais claras. E, pouco mais de dez anos de sua promulgação, ela foi entendida e acolhida pelos tribunais superiores do país, garantindo a plena vigência de nossos direitos".

Essa evolução também se demonstra com a jurisprudência que, cada vez mais, é favorável ao autor.

JURISPRUDÊNCIA

Quem vai a uma sala de cinema do grupo Severiano Ribeiro, de atuação nacional, percebe que o ingresso especifica a parte do valor correspondente aos direitos autorais. Essa é uma conquista recente que começou na década de 1990 e só terminou no STJ, em meados dos anos 2000, quando o Ecad e o grupo firmaram acordo para pagamento das parcelas vencidas e cumprimento da retribuição de 2,5% sobre a receita de bilheteria. "Trata-se de uma das mais importantes vitórias dos autores e do Ecad desta década. Hoje, somente o grupo Severiano é o único grande exibidor que paga, mas os demais vêm perdendo de forma reiterada e a tendência é que o segmento todo venha a cumprir a norma vigente", constata Sydney Sanches.

Outro exemplo é o caso da rede Bandeirantes, que no final da década de 1990 suspendeu o pagamento. Este ano, o STJ reconheceu que cabe ao Ecad ou aos titulares dos direitos autorais a fixação dos valores para a cobrança dos direitos patrimoniais decorrentes da utilização das obras intelectuais, criando um precedente jurídico importante. "O entendimento pela

jurisprudência vem sendo de que os autores devem autorizar a utilização de suas obras, fixando o respectivo preço e o Ecad é o órgão intitulado para a cobrança", afirma Sanches.

Já no caso dos telefones celulares, há a possibilidade de controle mais efetivo pelos titulares, porque as obras musicais vendidas como toques de telefone (ringtones, truetones, ringback tones) e full track download (reprodução integral do fonograma) têm como intermediárias as operadoras de telefonia. As utilizações são pagas pelos usuários através das contas de telefone, assegurando a remuneração. "No entanto, essa modalidade de negócio é explorada exclusivamente por editoras e gravadoras, em razão da clara incidência dos direitos de reprodução, ou seja, as sociedades de gestão coletiva de execução pública musical ainda não participam. Mas esse modelo gera um importante precedente para os negócios digitais, como pioneiros no conceito 'utilização, segurança e remuneração autoral', servindo de parâmetro para o meio digital", analisa Sanches.

Para entender essa evolução, Fernando Brant recorda como tudo começou. "Quando comecei a compor, a estrutura dos direitos autorais no Brasil era muito confusa. Várias sociedades arrecadando, um autor de uma não podia ser parceiro de autor de outra, os usuários completamente desinformados, uma enorme bagunça. Na década de 1970, um grande movimento dos autores e artistas começou a questionar a situação. Isso levou à criação do Ecad, pela lei de 1977, uma conquista dos autores, que insistiam na arrecadação e distribuição dos direitos por um único órgão. A partir daí, o direito autoral musical começou uma longa e tortuosa caminhada para o aperfeiçoamento", rememora. 

MINISTRO CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO. UM ENCONTRO PARA A VIDA TODA.

Por Karina Callai

Ao longo da vida vamos colecionando encontros e desencontros. Foi num desses encontros para toda a vida, que me deparei com a paixão pelas leis, entregando-me de corpo e alma ao universo do direito. Destaco que o maior deles foi o encontro com o direito autoral.

A defesa dos compositores, no decorrer de vários anos, originou vários outros encontros, um dos mais especiais foi o contato com o ministro Carlos Alberto Menezes Direito.

Enquanto esteve no STJ proferiu brilhantes decisões, quando não era o relator dos processos, participava ativamente dos julgados. Como grande conhecedor da matéria, ministrava verdadeiras aulas sobre direito autoral durante os julgamentos.

Feitos históricos marcaram sua passagem pelo STJ, principalmente nos julgamentos que envolviam os hotéis e municípios, pois decorreu de seus ensinamentos o entendimento da obrigatoriedade do pagamento dos direitos autorais.

Quando foi indicado ao STF, reconheço, fui muito egoísta, mas preferia continuar convivendo com ele, quase que diariamente. Mesmo na Corte Máxima, continuou influenciando os julgados sobre o assunto, através de aconselhamentos e principalmente pelo interesse que mantinha sobre o mundo autoral.

Não deu tempo de deixar sua marca registrada na jurisprudência do STF, bem que ele tentou, colocando em pauta um recurso extraordinário envolvendo o Ecad.

Setembro chega com uma notícia muito triste: o ministro Carlos Alberto Menezes Direito perde a luta contra o câncer. Merecidas homenagens foram prestadas, muito já se falou sobre o homem honesto, cordial, trabalhador incansável, de uma inteligência fora do normal, mas muitos não sabem que ele deixou milhares de órfãos, autores/compositores, pois foi o grande guardião do direito autoral nos últimos anos.

Mais do que nunca, a lembrança do ministro Carlos Alberto, bem como a relevância da sua brilhante atuação no universo autoral terão não só em mim, mas como em muitos outros, seguidores determinados a lutar pelos interesses dos autores e compositores.

Ministro Menezes Direito. Um encontro irresistível com o que há de melhor no direito: apoio constante às causas nobres de nosso país.

Karina Callai é advogada da UBC e do Ecad em Brasília, acompanha os processos em trâmite nos Tribunais Superiores.

A MORTE IDEAL

Por Ruy Castro

Quem já passou de certa idade e saltou algumas fogueiras começa a pensar na maneira ideal de morrer. E o resultado é invariável: de uma vez, rapidinho, sem muitas preliminares. Mas, exceto os suicidas, quem pode escolher como morrer?

Na semana passada, perdemos o Dr. Henrique Gandelman. Tinha 80 anos e era advogado. Na juventude estudou violino, viola, composição e regência, e apaixonou-se pela obra de Villa-Lobos. Formou-se em direito e abriu um pioneiro escritório de administração de direitos autorais. Vários escritores, inclusive eu, estavam aos seus cuidados.

Dr. Henrique era como o chamávamos. O tratamento não parecia compatível com o homem alegre e popular que discutia futebol, Beethoven e literatura no Clipper, decano dos botequins do Leblon. Mas ele era um doutor, uma autoridade nas questões sobre quem é dono do quê na obra de arte, e autor de diversos livros a respeito.

Foi Dr. Henrique quem dirimiu a caótica situação da obra de Villa-Lobos no exterior. Levou anos correndo EUA, Itália e França, mas conseguiu com que os direitos sobre Villa, perdidos, dispersos ou em mãos de terceiros, convergissem para quem de direito: o espólio do maestro. Foi um trabalho de amor, poucos amavam tanto Villa-Lobos.

Na última quinta, Dr. Henrique ia dar uma palestra sobre o artista no Museu Villa-Lobos. E seria também homenageado por seu trabalho de organização jurídica dos contratos da obra do compositor. No camarim, o sistema de som tocava a "Floresta Amazônica". De mãos dadas com sua mulher, Salomea, Dr. Henrique comentou: "Fico sempre arrepiado de ouvir isto. O Villa é mesmo o maior".

Soltou um suspiro grave. A cor lhe fugiu -era o aneurisma, fulminante e fatal. Morreu ali mesmo, no ato. Como se tivesse escolhido morrer ao som de Villa-Lobos.

Ruy Castro é jornalista e escritor. Texto reproduzido da Folha de S. Paulo em 30 de setembro de 2009 com a autorização do autor.



O REI

ERASMO

CARLOS

**ELE FALA DE
ROCK'N'ROLL,
LIVRO, DIREITOS
AUTORAIS E
PÁSSAROS**

Por Pedro Paulo Malta

Trazido aos holofotes bem antes do especial de TV de todos os anos, Roberto Carlos tem tido ainda mais destaque nos repertórios das rádios e pistas de dança deste 2009. Nada mais natural quando se comemora meio século de carreira. Seguindo a onda de comemorações do parceiro, Erasmo Carlos também tem tudo para tornar este ano num marco da sua trajetória. Depois de lançar o CD Rock 'n' roll com 12 inéditas, foi indicado ao Grammy Latino e lançou o livro A minha fama de mau (Editora Objetiva), no qual o roqueiro de 68 anos enfileira memórias de antes, durante e depois do lê-iê-iê.

Lembranças como as da Tijuca dos anos 50, quando ainda atendia por Erasmo Esteves e aprendia o "ritmo alucinante" que chegava dos EUA em vozes como as de Elvis Presley e Jerry Lee Lewis em discos de 78 rotações. Por essa época, o amigo de Tião Marmiteiro, depois Tim Maia, e Jorge Babulina, hoje Ben Jor, ainda participou dos grupos The Snakes e Renato e Seus Blue Caps e se tornou secretário particular de Carlos Imperial, com quem estreou como compositor, em 1962, lançando "Eu Quero Twist", na voz de Reinaldo Rayol.

Em maio de 1958, na véspera de um show de Bill Haley no Rio, Erasmo foi procurado por um rapazinho de Cachoeiro de Itapemirim (ES) que buscava a letra de "Hound Dog", sucesso de Elvis. Os dois ainda levariam cinco anos para se tornarem parceiros, mas ninguém seguraria a dupla Roberto e Erasmo depois de "Parei na Contramão", de 1963. Juntos, emplacariam sucessos na voz de Roberto, como "Eu Sou Terrível", "É Proibido Fumar", "Emoções" e "Detalhes"; e na de Erasmo, como "Festa de Arromba", "Gatinha Manhosa", "Mesmo Que Seja Eu" e "Minha Superstar".

Com a cantora Wanderléa, formaram a linha de frente do programa de TV Jovem Guarda, fazendo jovens do Brasil inteiro se descabelarem sintonizados na TV Record, de São Paulo. Tamanha idolatria, cada um passou a divulgar sua própria grife de roupas. A de Erasmo se chamava Tremendão, que significava rapaz grande e abusado, na gíria paulista dos anos 60. A grife acabou rendendo ao cantor o apelido que o acompanha até hoje.

Na ampla casa em que vive há 30 anos na Barra da Tijuca, outras companhias são raros passarinhos ("Sinto saudade dos biquinhos de lacre e das garças que pousavam por aqui...") e os filhos Gil, Alexandre e Leo – frutos do casamento com Narinha, falecida há 14 anos – que volta e meia interrompem a paz do vovô Erasmo com as visitas dos netos Antônio, Daniel, João Gabriel e Pedro. Rodeado por troféus, lembranças de Elvis, escudos do Vasco e centenas de livros e discos, foi em seu escritório que recebeu a Revista UBC para este bate-papo sobre velhos tempos, novos parceiros, direitos autorais, Roberto Carlos e, claro, rock 'n' roll.

A quantas anda o rock nacional? Tem ouvido novos artistas?

Na zorra atual eu ouço de tudo um pouco, mas não dá tempo para me concentrar em nada porque é muita informação. Quando me falam de um novo, já tem mais três, e depois mais quatro. Quando começo a gostar do trabalho de alguém, todo mundo já conhece. E conhecer um trabalho não acontece na primeira música. Tem que ouvir a segunda, a terceira... Leva um tempo até que se forme uma opinião.

Os nomes que estão aí são Mallu Magalhães, Cachorro Grande, Marina Machado, Sílvia Machete, Andrea Dias, Maria Gadu... São esses os nomes que estão falados. Fora os que eu esqueço agora e só vou lembrar quando você sair daqui (risos).

Mas só dá mulher, né? No meu tempo, a Jovem Guarda projetava cantores e cantoras. O que não surgia na mesma proporção eram as bandas, que despontaram mesmo nos anos 80. Eu mesmo fiz parte de duas bandas – The Snakes e Renato e Seus Blue Caps – mas a vida quis que eu seguisse sozinho e assim eu fui.

Além de um som bem tradicional, com levada “blueseira” e riffs de guitarra, Rock ‘n’ roll remete às origens do rock também nas fotos, ambientadas num cenário noir. Você se considera um “roqueiro de raiz”?

Totalmente. E faço questão disso. Pois a eletrônica passou a mandar, a ditar como se faz. O piano virou “teclado”, há computadores super programados, a guitarra não faz mais a harmonia... O sujeito põe a guitarra em frente ao amplificador para fazer mais barulho. Não estou condenando, mas prefiro ouvir guitarra e piano tocando pra valer. Sou mais o sol, o dó maior... Sou da turma dos acordes, da música, da melodia. Perdeu-se muito de uns tempos pra cá, com o abandono das harmonias tradicionais, intuitivas... Prevalece o ritmo e pronto. Junta-se aí a proposta de catarse do povo, que quer extravasar. E fica esse negócio de “Sai do chão!”, “Vamo pular!”. Ninguém diz “vamo ouvir”, pô! Sinto falta de música!

Que referências musicais foram mais decisivas para o Erasmo compositor?

Antes de mais nada, Elvis Presley e João Gilberto. Elvis é o símbolo, meu ídolo. E, musicalmente, há outras referências que sempre escutei: Chuck Berry, Jerry Lee Lewis, Johnny Cash, os grupos vocais americanos... Aqui no Brasil, Tom Jobim, Luiz Vieira, Jackson do Pandeiro... Eu ouvia de tudo quando era menino, pois tocava de tudo no rádio: seresta, música clássica... Bastava morrer alguém famoso para as emissoras de rádio interromperem suas programações e atacarem de música clássica. Quando morreu Getúlio Vargas, foram três dias... Por essas e outras que a minha geração, mesmo pobre e sem formação, lá no subúrbio, sabia bem mais do que a de hoje. Era obrigada a ouvir, né?

E fica esse negócio de “Sai do chão!”, “Vamo pular!”. Ninguém diz “vamo ouvir”, pô! Sinto falta de música!

O rock nasceu com o protesto, principalmente na voz de uma juventude oprimida que precisava se expressar. Contra o que se protesta hoje?

Em todas as gerações é a mesma coisa: o cara começa protestando contra os pais, depois contra o professor, aí passa a atacar o sistema e por fim o protesto é contra ele mesmo. Depois de não ter contra o que protestar, ele resolve falar de amor. Geralmente é assim, comigo foi assim. Hoje em dia são as questões existenciais. É o tipo de protesto que vejo... Contra o sistema, não tenho visto. O rock praticamente largou esse protesto. Quando tinha a Censura, todo mundo queria dizer tudo. Hoje, que não tem, as pessoas não dizem nada... Não sei se por acomodação, por causa do politicamente correto... Talvez não se veja nada para protestar, apesar de haver tanta coisa.

E talvez tenha havido uma ascensão social entre os que poderiam protestar. Pois essas coisas geralmente saem do povo, né? O protesto culturalmente elitizado soa falso. Quem não passa fome e protesta isso não soa verdadeiro. Como acontecia nos anos 60, com sambas de protesto feitos por pessoas culturalmente elitizadas. Na minha opinião, não soavam sinceros.

Esse protesto que o rock abandonou a gente vê hoje no hip hop, e mesmo assim em alguns setores – como os Racionais MCs, aqui no Brasil. No hip hop americano, o que era discurso político virou sexo puro.

Você um dia escreveu que tinha que “manter a fama de mau”, mas é um cara caseiro, ligado à família e com saudade dos passarinhos que cantavam perto da sua casa... Os dois são a mesma pessoa ou se trata de um sujeito regenerado?

Sou caseiro, sim. Cada vez mais. Os filmes, por exemplo, espero sair em DVD ou passar no Canal Brasil para poder assistir em casa, em silêncio, sem ter que aguentar o vizinho de poltrona atendendo ao celular (risos). Sou muito chato, gosto de conforto. Também prefiro ver futebol em casa, os jogos do Vasco, bem concentrado.

Mas ter fama de mau é diferente de ser mau. E isso era a coisa de uma outra época, fazia parte do show você exercer aquele papel num relacionamento. A menina não vai ao cinema e o rapaz não perdoa! Imagine... Hoje em dia o funk é bem pior. Nos “proibidões”, essa menina já virou um tapete! Só que elas adoram.

Se eu fosse mulher e me chamassem de gostosa na rua, por dentro eu iria gostar. Porque eu me sentiria mais mulher, sim. Mas eu não sairia chamando o sujeito de cafajeste, a não ser que eu quisesse prestar satisfação à sociedade. São coisinhas da psicologia feminina que eu procuro entender para fazer meu trabalho, né? Vivo disso... Mas é engraçado que até hoje existe uma certa “cara de mau” no rock. Toda vez que vejo a foto de um grupo novo, me pergunto por que diabos roqueiro tem que ter cara amarrada, aquele bando de garotos mal encarados. São as fantasias de certos meios musicais.

Agora, que você também é escritor, gostaria de saber sua opinião sobre a biografia de seu “amigo de fé, irmão camarada”? O que achou de toda a história em torno da proibição do livro?

Olha, não li tudo, não. Li a parte que fala de mim, só aquele capítulo, pois a história contada naquele livro eu conheço de trás pra frente, contada pelo próprio Roberto. E estava tudo certinho no livro... Não dei entrevista ao autor, não houve depoimento meu. Ou seja, o que ele escreveu sobre mim foi tirado de outros livros, de entrevistas minhas nos jornais... E estava tudo muito bem feito, bem detalhado. Não sei por que a proibição, mas o Roberto teve suas razões. Mas, sinceramente, não gosto de biografia de personagem vivo. Autobiografia, então, é uma viagem de ego sem mais tamanho! Já se o biografado tem 85, 90 anos... Aí talvez se justifique. Por isso, meu livro é, sobretudo, um livro de memórias. Relatos que fui construindo a partir das coisas que vi e vivi desde antes mesmo de começar a carreira artística, mas sem aquele compromisso sério e rigoroso da biografia.

Se eu fosse mulher e me chamassem de gostosa na rua, por dentro eu iria gostar. Porque eu me sentiria mais mulher, sim. Mas eu não sairia chamando o sujeito de cafajeste...

Há alguma parceria que se compare a você e Roberto em termos de duração e produção? Nem Tom/Vinicius, nem Lennon/McCartney...

É, né...? Acho que não. Outro dia, me trouxeram um jornal do Norte que tinha uma matéria sobre dobradinhas famosas. Falava de Tom e Vinicius, O Gordo e o Magro, Tom e Jerry... e Roberto e Erasmo. Fiquei com o ego cheio (risos). Me envaidece estar ao lado de duplas tão famosas!

Não existe também outra amizade que tenha tantas manifestações públicas de carinho quanto a de vocês, apesar das diferenças. Como vocês lidam com a distância entre o seu “pretinho básico” e o azul celeste de Roberto?

Se fôssemos de um mesmo grupo já teríamos nos separado, pois teria a convivência. E o grande lance é esse: ele lá, eu aqui. A gente se entende, a gente se adora. Mas são vidas muito diferentes – ele não se mete na minha, eu não me meto na dele. E assim funcionamos perfeitamente. Como os Rolling Stones: cada um mora num país diferente e eles só se encontram no palco, quando vão trabalhar. São personalidades diferentes, apesar das muitas afinidades – como acontece comigo e Roberto. Mas a gente não é amigo de ficar se falando, não. Só mesmo nas festas de fim de ano... “Oi, bicho! Um beijo na família. Fica com Deus, te amo...” No Natal eu ligo pra ele, no Ano Novo ele liga pra mim. É sempre assim. Nem mesmo para compor a gente tem se falado, até porque nossas inéditas que estão pra sair são de quatro anos atrás.

Ainda não fizemos música por e-mail, mas pode ser uma... Quem sabe a próxima? Nem sei se ele transa computador. Eu, por exemplo, estou aprendendo agora.

As parcerias de vocês geralmente começam pelo telefone?

Não temos um método constante de compor: fazemos por telefone, às vezes trocamos fitas... Mas sempre nos encontramos, eu vou à casa dele, pois lá tem o piano em que ele compõe. E aí sai qualquer coisa. Às vezes, quando é uma música, podemos levar uns três dias. Outras vezes, quando são mais, pode levar uns 20. Ainda não fizemos música por e-mail, mas pode ser uma... Quem sabe a próxima? Nem sei se ele transa computador. Eu, por exemplo, estou aprendendo agora.

Já com a Wanderléa sua amizade é diferente, né?

Ah, sim. Conversamos mais. Com ela eu bato papo mesmo, uns 40 minutos no telefone, sem assunto específico. Falamos da vida, de shows, experiências pessoais, confidências, memórias...

Dá para viver de direito autoral?

Dá, bicho. Vivo de direitos autorais, mas não só deles. Também de shows e outras coisas, mas o que tenho veio principalmente dos direitos autorais. Mas hoje há uma queda nos direitos de autor e intérprete, caiu à beça, proporcionalmente à queda nas vendas de discos. É essa coisa meio descontrolada que está por aí, com a internet. Eu construí minha casa com direitos autorais, que há 30 anos eram pagos de seis em seis meses. E o sujeito tinha que ir lá receber, não era essa comodidade de hoje, de depósito na conta, coisa tal. Recebia só duas vezes por ano, mas eram boladas grandes. Desse jeito foi possível investir, né? Ou seja: comprei o terreno em que eu moro contando com essa grana. Depois de pagar a entrada, combinei que pagaria as outras parcelas nos semestres seguintes. O grande problema é o sujeito que fez um sucesso e quer viver dele e só dele. Eu continuo produzindo, graças a Deus, em plena atividade: estou lançando 12 inéditas no meu disco, Simone gravou outras duas, vão sair três



minhas com o Roberto... Não posso e nem quero ficar vivendo do sucesso de "Quero Que Vá Tudo pro Inferno". Tenho 500 composições, mas já estou partindo para 600.

Dá para apontar um carro-chefe que colabora com a dispensa da sua casa?

Ah! Modéstia à parte, só com o Roberto é uma porrada de sucessos... Não dá pra apontar um.

Conta a história que Vinicius de Moraes morria de ciúme de seus parceiros. Tem alguma música do Roberto sozinho ou com outro parceiro que você tenha pensado "Putz, essa podia ter sido minha"?

Tem, sim. Uma que ele fez sozinho, quando estávamos brigados e ficamos sem nos falar uns seis meses, ainda na época da Jovem Guarda: "Como é Grande o Meu Amor por Você". Eu queria muito ter feito essa música! Se a gente não tivesse brigado...

O time de outros parceiros é bem variado, com nomes que vão de Nando Reis e Marisa Monte à bossa nova de Marcos Valle. Qual seu parceiro mais fora do rock?

O Geraldinho Carneiro, poeta, com quem compus para a peça "Pluft, o fantasminha" (de Maria Clara Machado). Tem também o Jorge Ben (que não é do rock and roll, mas era da Tijuca), e o Celso Fonseca. São parcerias que pintam naturalmente, de encontros ou de um que procura o outro. Nada forçado ou planejado. Não adianta eu ficar aqui planejando me tornar parceiro de alguém... "Vou fazer uma música com o Aldir Blanc!" Não é assim. Surge de uma oportunidade, um encontro, uma conversa, às vezes é a menção a um verso que fisga o outro.

O grande problema é o sujeito que fez um sucesso e quer viver dele e só dele. Eu continuo produzindo, graças a Deus, em plena atividade: estou lançando 12 inéditas no meu disco,

De onde surgiu a ideia de fundar uma gravadora? Como está sendo a vida de empresário do ramo fonográfico?

Desde os anos 80 que eu desejava ter minha editora e depois meu selo. Foi nesta época que o Roberto criou a Amigos e Eu, a Erasmo Carlos Realizações Artísticas (Ecra). A partir daí, nos tornamos donos das nossas próprias músicas – metade de cada um – e paramos de dar música para editoras. Já o sonho de ter meu selo só consegui tornar realidade há dois anos, porque antes não dava para competir com as multinacionais. Como elas perderam força, pintou a chance e criamos a Coqueiro Verde.

Minha ideia inicialmente era mesmo lançar meus discos e foi meu filho Leonardo quem assumiu a gravadora, pois essa não é minha praia. Aprovo, avalizo, mas quem toca é ele. Quero que meus discos saiam, nada mais. Como os meus outros filhos também são músicos – Alexandre é cantor, Gil é baterista – a gente brinca aqui em casa que alguém tem que trabalhar na família. Quero continuar compositor, estradeiro e fazendo meus discos. Dessa vida de empresário, eu fujo.

Mas de produção você já fez...

No início da carreira do Roberto, nos tempos do "Splish Splash", eu fazia produção dos discos dele, mas informalmente, meu nome não saía. Porque naquela época quem sabia de rock and roll era eu. Ninguém sabia porra

nenhuma! Era outro idioma pros profissionais de disco, que além de não saberem nada não aceitavam aquilo. Como podia "aquela barulheira" fazer sucesso?! Aí o pessoal que sabia chegou junto, eu no meio. Porque disso entendo à beça e não tenho modéstia de falar. Comprava meus discos de 78 rotações na Mesbla, montava tudo num álbum e sabia aquilo de trás pra frente! Guardo o álbum até hoje: tem meu primeiro disco ("Cantando na chuva"), o primeiro disco que saiu com música minha ("Eu Quero Twist", de Erasmo e Carlos Imperial, gravada por Reinaldo Rayol) e muitas coisas do Elvis. Hoje em dia eu não produziria. Não me meto nessa por nada! Meu ouvido não acompanhou certas coisas, certos requintes... Não entendo dos recursos. A função do produtor hoje é mais espaçosa, mais abrangente e eu não teria disponibilidade ou tempo. Há outras cabeças aí que produziram muito melhor. E não quero nada que me desvirtue da minha música. Quando a Coqueiro Verde crescer, tomara!, será mérito do Leonardo.

COORDENADA:

As origens da fama de mau

A turma da Rua do Matoso, a Jovem Guarda, personagens anônimos e a história por trás dos principais sucessos com Roberto Carlos. Com esses ingredientes, a estreia de Erasmo Carlos como escritor no livro "A minha fama de mau" é uma das grandes apostas da Editora Objetiva para o fim de 2009. "O bom de escrever livro é não ter que rimar", brinca o novo autor, que partiu de um total de 300 relatos para chegar aos 60 que, entregues à editora em 2007, foram distribuídos em seis capítulos, cada um dividido em pequenos sub-capítulos. Com organização e texto final do jornalista Leonardo Lichote, as memórias de Erasmo reúnem no mesmo palco "brasas" como Roberto Carlos, Jorge Ben, Tim Maia e Wilson Simonal, entre outros contemporâneos, além da namorada Lilica, já cantada por ele em Turma da Tijuca, de 1984. "São muitas histórias daquele tempo!", diverte-se o compositor, prosador de primeira, cuidando para não antecipar histórias do livro, a pedido da editora. "Aviso desde já que evitei coisas ruins. Não tem drama, choradeira, nada disso. E o resultado foi um livro light, exatamente como eu queria", garante o artista.

Além de inúmeros causos, as 361 páginas do livro exibem fotos raras do acervo do Tremendão, tudo dentro de projeto gráfico assinado por Luiz Stein – o mesmo de "Vale tudo: o som e a fúria de Tim Maia", por Nelson Motta. **C**

Fotos de divulgação

Fotos de divulgação

MÚSICA NA REDE

AGREGADORES DIGITAIS PODEM GERAR OPORTUNIDADES PARA ARTISTAS INDEPENDENTES. Por Gabriel Versiani

A evolução digital traz cada vez mais oportunidades para os consumidores de música e também para quem vive dela. A novidade dessa vez são os agregadores: distribuidores digitais especializados na venda e no marketing on-line. O maior deles chama-se The Orchard (ou "o pomar"). O negócio parece mesmo frutífero: entre abril e junho deste ano, seus rendimentos alcançaram US\$ 15 milhões, resultado 13% superior ao primeiro trimestre de 2009.

O site comercializa conteúdos em áudio e vídeo, sendo responsável por 10% do conteúdo no iTunes, além de ter contrato com lojas como eMusic, Napster e Rhapsody. A definição de preços é uma das questões mais discutidas nesse mercado. "Hoje é mais barato comprar o disco da Marisa Monte no iTunes, pagando em dólar, do que em qualquer site brasileiro", alerta David McLoughlin, gerente do escritório no Brasil.

Enquanto no exterior as faixas são vendidas a US\$ 0,99 (aproximadamente R\$ 1,80), aqui o valor chega a R\$ 2,49. Para McLoughlin, o mercado brasileiro tem potencial, mas ainda vai demorar para gerar dinheiro. Para ele, cabe aos artistas independentes se organizarem para que o mercado digital seja cada vez mais aberto, acessível e rentável.

E os direitos autorais?

A Associação Brasileira dos Editores de Música (Abem) e a de Editoras Reunidas (Aber) firmaram acordos com lojas virtuais de música, que mantêm o preço mínimo de venda a R\$ 1,99, repassando 12% às editoras (mais que os 9,27% nas vendas no meio físico). Mesmo se uma faixa for vendida por um preço menor que o mínimo estipulado, o valor repassado será de 12% de R\$ 1,99 – cerca de R\$ 0,26. A parte do autor dependerá de seu acordo com a editora. A porcentagem média é de 75% do valor.

O fato de o Brasil não ter um escritório central de arrecadação de direitos fonomecânicos o faz ser alvo da crítica de McLoughlin: "Na maioria dos países as lojas repassam os valores para um escritório central, que por sua vez repassa às editoras. Aqui elas precisam de toda uma logística para remunerar cada editora diretamente". Sob esse aspecto, a entrada da UBC na administração

Fabiana Cozza e Yamandu Costa são artistas independentes que participam do RN14.

de direitos fonomecânicos, em 2009, é uma conquista para os titulares de direitos autorais. "Essa medida vai abreviar a lacuna existente entre os agentes econômicos que desenvolvem seus negócios no ambiente virtual e os legítimos interesses dos titulares de direitos autorais. As entidades que tradicionalmente atuam na gestão coletiva de direitos autorais, como a UBC, possuem a experiência e o conhecimento técnico necessário para o desenvolvimento dessa atividade", analisa Sydney Sanches, advogado da UBC.

iMusica, pioneiro no Brasil

Fundado em 2000 por Felipe Llerena, o iMusica é o primeiro agregador do Brasil. Foi a primeira empresa brasileira a firmar contrato com o poderoso iTunes, e hoje é líder do segmento na América Latina. Segundo Llerena, o mercado digital está hoje plenamente estabelecido em termos autorais, com convênios firmados com as associações e acordos assinados com as editoras. "É um novo canal de distribuição, uma nova fonte de renda para os autores. Com o declínio das vendas em CD, a tendência é a migração para o meio digital".

Se esse mercado já é uma realidade, o artista independente pode ingressar nele. Uma das alternativas é o projeto RN14, do próprio The Orchard. Ele já reúne artistas como Yamandu Costa, Lenny Gordin e a cantora Fabiana Cozza. O RN14 gera, em média, US\$ 1,5 mil por mês, segundo McLoughlin. Neste modelo, o produtor fonográfico do disco fica com 80% dos royalties.

A mesma porcentagem é oferecida pela Ponte D, primeira distribuidora digital independente do Brasil, inaugurada em julho deste ano por Dennys Motta. Para os custos de digitalização, documentação e envio de material, o artista ou banda paga uma taxa, escalonada por quantidade de música. De uma a cinco faixas, o custo é de R\$ 290. Para os que não têm editora, a Ponte D oferece um contrato, com filiação imediata à UBC.

Os autores também são remunerados no meio digital com a execução em *streaming (web radio)*. Estes valores são baseados em uma série de cálculos, acordados entre os sites e as editoras. O *casting* da Ponte D conta, entre outros, com a dupla Roger e Robson, do interior de São Paulo, e a banda de *reggae* Planta e Raiz. O site é www.ponted.com.br. **C**



O titular deve informar seu repertório à sua sociedade.

A sociedade documenta o repertório e o informa ao Ecad.

Ecad recebe o repertório da associação.

A produção do evento informa o repertório executado.

A produção do evento paga direito autoral.

O Ecad arrecada o pagamento referente à execução das obras e repassa para as sociedades.

A sociedade recebe o pagamento do Ecad e repassa aos titulares.

O titular recebe o pagamento. Para isso, é imprescindível ser associado a uma entidade de proteção de direito autoral, como a UBC.

FLUXO DA INFORMAÇÃO

FLUXO DO PAGAMENTO

PASSO A PASSO DA DISTRIBUIÇÃO

Nos anos 1920, o compositor Sinhô (1888-1930) disse uma frase que até hoje gera polêmica: “Samba é como passarinho, é de quem pegar”. O artista se referia à autoria das composições que era frequentemente questionada, acusado de aproveitador de trechos de outros compositores. Mas isso foi num tempo em que as discussões do direito autoral estavam muito distantes da lei 9.610. O escritor Edigar Alencar, no livro “Nosso sinhô do samba”, dá o contexto da frase de Sinhô: “À época de tais acusações a música popular ainda era terra de ninguém. Não havia o direito autoral e geralmente se fazia dono da composição musical o mais esperto, quem andasse mais ligeiro”.

A comparação feita por Sinhô entre música e passarinho já apontava o caráter imaterial das obras, afinal ambos estão “no ar”. Por isso, os compositores começaram a se organizar para serem remunerados por suas criações, reivindicando

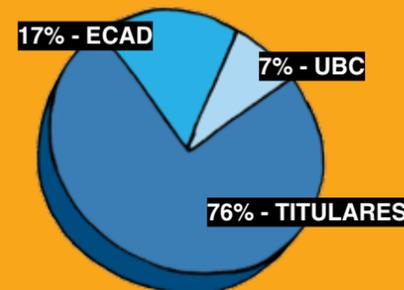
principalmente o direito de execução pública, ou seja, sobre obras que são oferecidas sem a entrega de exemplares, como shows e veiculações no rádio, na TV e no cinema. Foi dessa iniciativa que surgiram as primeiras associações de autores.

Hoje os titulares de direitos autorais e conexos contam com um sistema de arrecadação e distribuição que garante seus pagamentos. Este ano, por exemplo, o Ecad divulgou que vem obtendo resultados recordes de distribuição. Só no último carnaval, o valor distribuído foi de cerca de R\$ 12,1 milhões, mais de 20% maior que o do ano passado. Mas como o pagamento chegou aos titulares? Essa é uma das perguntas que a Revista UBC pretende responder aqui. Para isso, será preciso lançar mão de algumas definições básicas, como os tipos de direitos envolvidos no conceito de direito autoral, que pode ser classificado da seguinte forma: direitos fonomecânicos, de execução pública, digitais e de sincronização.

Tipo de direito autoral	Característica	Exemplos
Fonomecânico	Presente quando há reprodução da obra para distribuição ou armazenamento em base de dados.	- CDs e DVDs contendo fonogramas para venda em lojas tradicionais ou virtuais; - Arquivos virtuais com fonogramas compactados para entrega via internet ou telefone celular.
Execução pública	Presente quando há oferta de obras ao público sem entrega de exemplares.	- Shows e apresentações ao vivo; - Execução de música gravada através de equipamentos em locais de frequência coletiva; - Execução de música em rádio, TV e outros meios de transmissão.
Digitais	Presente quando há armazenamento permanente ou temporário de fonogramas em meios eletrônicos para a audição ou download.	- Sites que ofertam de obras para audição ou download.
Sincronização	Direito que o autor tem de permitir ou proibir que sua obra seja incluída em outra, como uma obra audiovisual.	- Inclusão da obra musical em um filme ou comercial.

A distribuição mencionada no período do carnaval se refere ao direito de execução pública, cuja arrecadação e distribuição é feita exclusivamente pelo Ecad, entidade privada mantida pelas associações e gerida pelos titulares de direito do autor de obras musicais e fonogramas. Entre o Ecad, as associações e os titulares há um fluxo de informações que permite que o pagamento chegue a quem é de direito, como nos gráficos a seguir:

Dos valores arrecadados pelo Ecad, a UBC repassa 76% aos titulares e fica com 7% para fins administrativos.



Apesar de ter o nome União Brasileira de Compositores, a UBC reúne outras categorias de titulares: autor, editor, intérprete, músico acompanhante e produtor fonográfico. Por isso, os valores da arrecadação dos direitos de execução pública são distribuídos em duas partes, autoral e conexa, divididos da seguinte forma:

EXECUÇÃO DE MÚSICAS GRAVADAS:



Com relação à apresentação de músicas ao vivo, a parte autoral recebe 100%.

FIQUE LIGADO

PARTE AUTORAL

Quem recebe: autor, compositor, versionista e editor
Para receber devidamente os valores, você deve declarar à sua sociedade todas as obras de sua autoria para que sejam registradas no Ecad. Se a sua obra é editada, a sua editora cuidará disso para você. Mas fique atento e busque seu repertório através do serviço “Consulta web”, no site da UBC. Se sua obra foi incluída em um filme, entre em contato conosco para assegurar que tenha sido corretamente incluída no Cue-Sheet (documento oficial, elaborado pelas produtoras, que contém informações sobre as obras inseridas no filme).

Porcentagem do pagamento

Conforme combinado entre os titulares.

PARTE CONEXA

Quem recebe: intérprete, músico acompanhante e produtor fonográfico. Para receber devidamente os valores, seu nome deve constar no documento chamado ISRC, que é preparado

pelo produtor fonográfico e enviado para a sociedade para registro no Ecad. Caso você tenha participado de uma gravação muito executada, mas seu nome não conste no ISRC ou a sociedade do seu produtor fonográfico não tenha feito o devido registro, você não irá receber os valores devidos. Se isso ocorrer, basta entrar em contato com a UBC de posse do encarte do álbum ou outro documento que comprove sua participação para apurarmos o caso.

Porcentagem do pagamento

Neste caso, a porcentagem é fixa.
O produtor recebe 41,70 dos rendimentos.
O intérprete recebe 41,70 dos rendimentos.
O 16,66% destinados aos músicos acompanhantes são reservados para distribuição posterior.

Aguarde mais informações sobre a distribuição dos valores arrecadados em execuções públicas na próxima edição da Revista UBC.

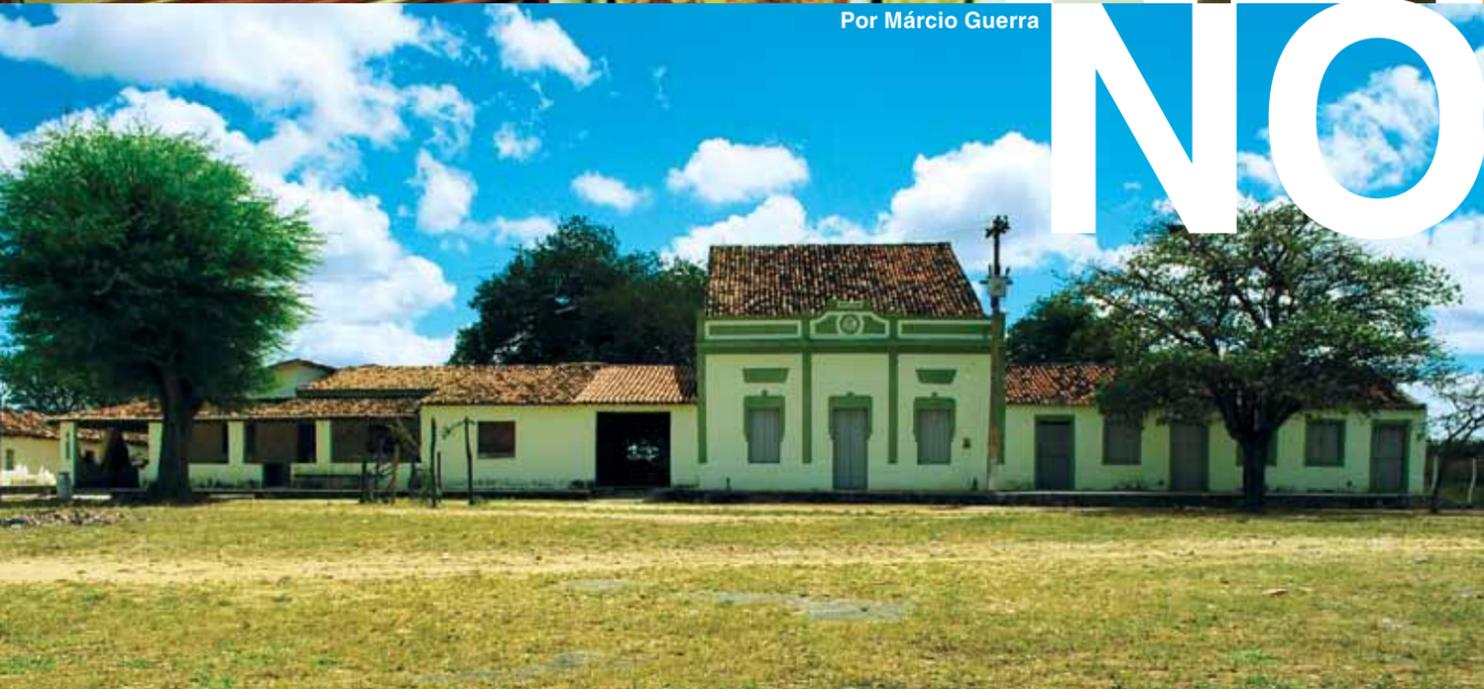
EVOLUÇÕES VIRTUAIS

O conceito de reprodução se ampliou com os novos meios de disseminação de obras musicais e fonogramas. Por isso, a tabela da página anterior [chegar na diagramação] inclui os direitos digitais. O armazenamento feito nesses meios pode ter a finalidade de ofertar as obras e fonogramas ao público apenas para serem ouvidos (streaming webcasting, simulcasting) ou para ofertar ao consumidor um exemplar (download permanente ou temporário). Dessa maneira, o direito de reprodução pode ser uma condição necessária tanto para a execução pública quanto

para a distribuição de exemplares. Nesse caso, os direitos de execução e distribuição se confundem, o que pode causar dificuldades na cobrança, já que tradicionalmente diferentes entidades seriam responsáveis por parte do direito. Para resolver este problema, a UBC desde o início deste ano representa direitos de reprodução. O titular que tiver interesse em filiar-se para estes direitos, deve entrar em contato com o departamento de fonomecânicos.



Por Márcio Guerra



“A história dele é muito grande, eu não consigo contar tudo que esse cara viveu. Por isso, vou usar o olhar do Gonzaguinha para contar essa história.”

Breno Silveira

REDO DO BAIÃO

NO CINEMA

TRAJETÓRIA DE GONZAGÃO VAI PARA AS TELAS A PARTIR DOS REGISTROS DO FILHO

“Eu acredito que normalmente as pessoas não compreendem que meu pai nunca soube o tamanho de seu nome, nem a importância dele. Eu acredito que, mesmo que soubesse, não ligaria a mínima para isso”. Esse é um trecho do depoimento que Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior, Gonzaguinha, registrou numa fita cassete durante uma viagem de carro, do Recife a Exu. Era o relato de um filho emocionado contando tudo que viu e viveu no dia do enterro de seu pai Luiz Gonzaga.

Vinte anos depois, a fita com as declarações emocionadas de Gonzaguinha sobre a morte do velho Lua, como era conhecido Gonzagão, chegaram às mãos do cineasta Breno Silveira. “Depois do primeiro filme (Dois Filhos de Francisco), eu não pensava mais em fazer biografia. Mas quando ouvi a fita cassete com esse depoimento de Gonzaguinha, achei aquilo muito bonito e não resisti”, revela Silveira.

O novo desafio do cineasta tem o título provisório de Explode Coração – Gonzaguinha e Gonzagão, e vai mostrar a vida do Rei do Baião a partir do ponto de vista do seu filho Gonzaguinha.

O diretor faz questão de destacar sua relação com o personagem: “eu sempre escutava muito Gonzagão, meu avô era pernambucano”.

Para fazer o filme, Breno comprou os direitos da biografia “Gonzaguinha e Gonzagão – uma história brasileira”, de Regina Echeverria. Publicado em 2006, o livro foi baseado nas gravações feitas por Gonzaguinha durante a turnê Vida de Viajante – que ele e o pai fizeram juntos no início dos anos 1980. A intenção do filho era escrever um livro contando a história do seu pai. Por isso, gravava em fitas cassete as conversas com Gonzagão e os depoimentos de pessoas que conviviam com ele. Mas um acidente de carro em 1991 interrompeu prematuramente a vida de Gonzaguinha e deixou a obra inacabada. Echeverria recebeu da família Gonzaga todo material para que ela escrevesse a biografia. Apesar de ter o livro como referência, o diretor afirma que o roteiro do filme não o seguirá ao pé da letra. “O livro vai me ajudar com as informações para o roteiro”, completa Silveira.

A delicada relação entre pai e filho será o tema principal do longa-metragem. “Vários filmes contam a história de mitos, exaltam uma pessoa. No caso de Gonzaguinha e Gonzagão, existiu um embate entre eles, o que torna a história mais emocionante”, diz Silveira. Esse conflito foi marcado durante muito tempo pela diferença ideológica e a distância geográfica que os separou durante anos. Até mesmo a comprovação da paternidade foi motivo para desentendimentos. O filho foi registrado por Gonzagão como seu filho com a cantora Odaléia Guedes, falecida quando a criança estava com apenas dois anos. Rumores sobre a diferença física entre pai e filho e uma possível esterilidade de Gonzagão, alimentaram uma dúvida que jamais foi esclarecida e também está no filme.

Esse será o enredo do filme dirigido por Breno Silveira que pretende iniciar as filmagens em outubro de 2010. “Espero que o filme consiga eternizar e levantar a imagem e a obra do Gonzagão para as novas gerações. Quem sabe não aconteça um movimento para se fazer também uma grande exposição para comemorar o centenário de Gonzagão?”, completa o diretor se referindo aos cem anos de nascimento que o velho Lua completaria em dezembro de 2012.

Parque Aza Branca, em Exu, guarda a história do Rei do Baião

Em julho, os jornais divulgaram a triste notícia de que a casa onde viveu Luiz Gonzaga, em Exu (PE), estava prestes a desabar. Infiltrações e cupins ameaçavam a estrutura da construção. O cenário pessimista foi revertido no mês seguinte com o tombamento do Parque Aza Branca, onde se encontram a casa, o Museu do Gonzagão e o mausoléu com os restos mortais do Rei do Baião.

O local é administrado pela organização não-governamental homônima, Parque Aza Branca, que firmou um acordo com o governo estadual para fazer um levantamento do acervo de Luiz Gonzaga e a recuperação física do imóvel, principalmente a casa onde ele morou. A antiga residência ainda conserva os móveis na disposição original e objetos pessoais do morador ilustre, como fotografias e instrumentos musicais.

Foi ali, em Exu, que Gonzagão nasceu, em 13 de dezembro de 1912. A cidade sempre foi uma referência forte na história do artista. Foi onde começou a tocar sanfona – ainda com oito anos para receber seu primeiro cachê como tocador – e voltou aos 75 anos para passar seus últimos anos de vida.

A importância da terra natal para sua carreira era lembrada em depoimentos do próprio Gonzagão em shows, como no espetáculo Volta pra Curtir, realizado no teatro Tereza Rachel, no Rio de Janeiro, em 24 de março de 1972. Com chapéu de couro e gibão, ele contava seus “causos”, devidamente gravados. Em seu discurso, nota-se o que há de mais nobre na cultura de um povo, com a humildade de um senhor rei:

Eu sou um caboclo feliz. (...) Se eu nascesse de novo e pudesse escolher, mais do que eu sou eu não queria ser. Eu queria nascer é na fazenda da Caiçara. Lá em Exu, Pernambuco, mesmo na divisinha com o Ceará. (...) Mais do que eu sou, eu não queria ser, não, senhor. (...) Eu queria ser o Rei do Baião. 

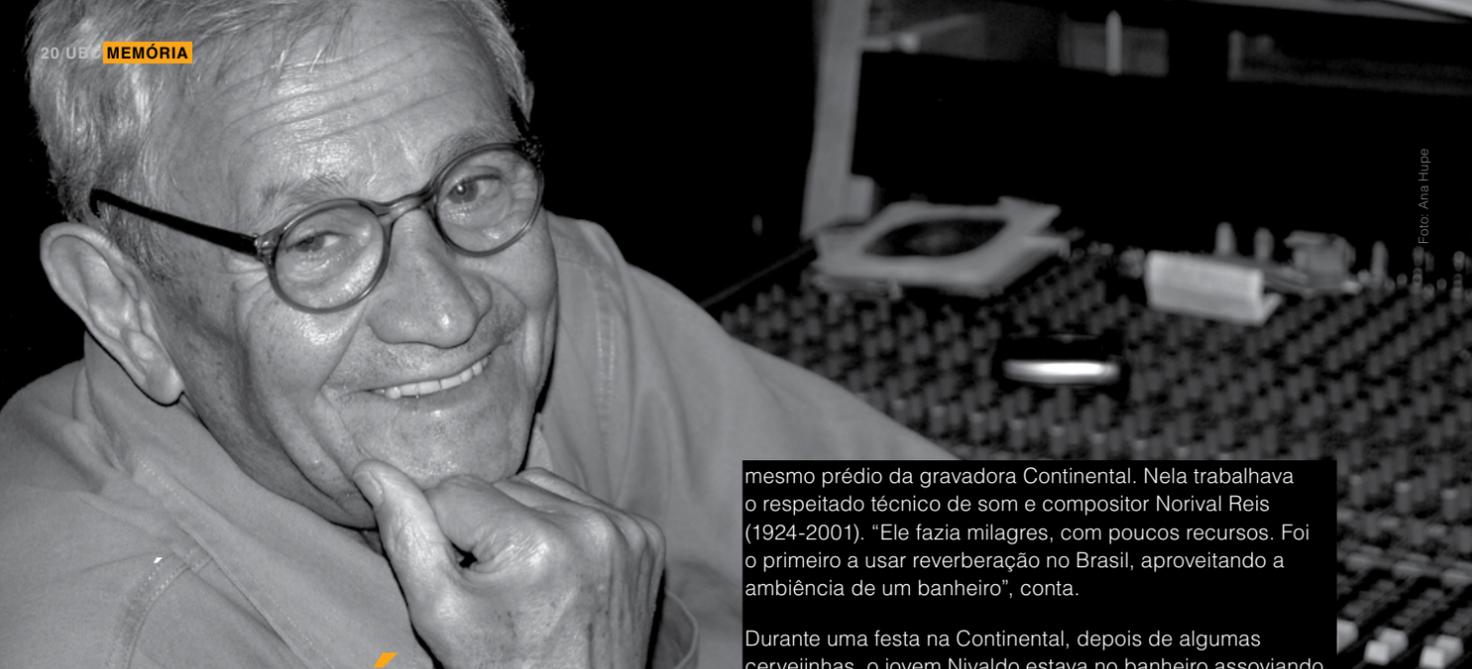


Foto: Ana Hupe

MEMÓRIAS DOS BASTIDORES

COM 50 ANOS DE CARREIRA, O TÉCNICO DE SOM NIVALDO DUARTE LEMBRA DOS TEMPOS ÁUREOS DOS ESTÚDIOS

Por Gabriel Versiani

"Não sei por que entrevista: não tenho nada pra falar!". Quem ouve assim nem imagina que o técnico de som e produtor Nivaldo Duarte seja uma enciclopédia viva da nossa música. Seu nome consta na ficha técnica de discos antológicos, somando um vasto currículo adquirido em mais de 50 anos de profissão, os últimos 16 dedicados ao estúdio da UBC.

Talvez a humildade, beirando a timidez, seja reflexo da experiência de quem se acostumou a trabalhar nos bastidores e a conviver com grandes estrelas, e que por sua competência e sensibilidade se tornou referência para uma geração de técnicos. A mesma humildade transfere para forças divinas a razão de seu sucesso: "Minha vida parece aquele filme do George Burns, 'Alguém lá em cima gosta de mim'".

TUDO COMEÇOU... NO BANHEIRO!

Este carioca, nascido na Ilha do Governador há 74 anos, tomou gosto pela música na infância. Quando o primeiro poste de luz chegou a seu bairro, sua mãe ganhou de presente um radinho que mudaria sua vida. Isso porque o repertório erudito na Roquette Pinto serviu de base para a formação musical de Nivaldo, que posteriormente foi aprimorada pelo jazz. Mas foram as melodias da Bela Adormecida, de Tchaikovsky, as primeiras a encantá-lo.

Após servir o exército, foi trabalhar em uma multinacional, fabricante de máquinas de escrever. Ela funcionava no

mesmo prédio da gravadora Continental. Nela trabalhava o respeitado técnico de som e compositor Norival Reis (1924-2001). "Ele fazia milagres, com poucos recursos. Foi o primeiro a usar reverberação no Brasil, aproveitando a ambiência de um banheiro", conta.

Durante uma festa na Continental, depois de algumas cervejinhas, o jovem Nivaldo estava no banheiro assoviando melodias do compositor russo. O assovio chamou a atenção de Norival: "Isso é Tchaikovsky! Você gosta de música?". Assim começava a carreira de Nivaldo Duarte nos estúdios. Na Continental, foram 14 anos aprendendo com seu mestre e trabalhando com todos os grandes cantores e cantoras da Rádio Nacional.

Depois, Nivaldo trabalhou na Odeon por 26 anos, considerados por ele como "tempos áureos". "O clima era muito bom. O trabalho também era uma confraternização, que continuava no bar em frente", conta. Lá, ele conheceu os amigos Clara Nunes e Roberto Ribeiro, de quem chegou a ser parceiro na música "Eu Sou Assim", gravada por Ribeiro em 1981. Trabalhou nos antológicos Clube da Esquina – gravou o primeiro e mixou o segundo. "Cada um pedia pra aumentar seu instrumento, até que o Milton (Nascimento) expulsou todo mundo da sala. Meia hora depois, estavam todos mexendo nos botões da mesa", lembra.

A lembrança dos tempos áureos traz também recordações das técnicas utilizadas na época. "A gravação em multitrack acabou com aquela magia do estúdio, de ver os músicos afinando os instrumentos e depois tocando juntos".

Quando cita o mestre Norival Reis, é fácil perceber a emoção nos olhos de Nivaldo. Por outro lado, além de bom discípulo, é também um bom mestre. O técnico de som Guilherme Reis é um dos seus discípulos: "Nivaldo é verdadeiramente meu guru. Ele me ensinou a sentir a música e tirar o melhor do que os artistas e músicos executaram, escutando antes de tudo com a alma. Depois disso, fica fácil mixar. É só aplicar as técnicas".

O CONVITE PARA A UBC

Na Odeon, foi responsável pela mixagem por dez anos, e também trabalhou como produtor musical. Depois de muitas gravações e histórias memoráveis, chegou a aposentadoria e, com ela, a constatação de que a renda não seria suficiente. Foi quando surgiu uma nova oportunidade em sua carreira. A convite do então presidente da UBC, José Antônio Perdomo, o técnico assumiu o estúdio da entidade em 1993. Mais uma vez Nivaldo repete seu bordão: "Alguém lá em cima gosta de mim".

As histórias da carreira de Nivaldo são tantas que ele está preparando um livro sobre isso. Vale a pena esperar.

AULAS DE CIDADANIA MÚSICOS E EDUCADORES DISCUTEM SOBRE O ENSINO MUSICAL NAS ESCOLAS

Por Fernanda Lacerda

Aulas de dicção, ritmo e leitura de partituras são lembranças que diversas gerações trazem na memória, não de um curso de música, mas do dia a dia na escola, ao longo da educação básica. O cantor e compositor Celso Fonseca é um dos que têm essa recordação: "A turma tinha que solfejar e eu gostava muito", lembra. Esse é um relato que deverá voltar, em breve, para história da educação no país, com a entrada em vigor da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que torna obrigatório o ensino de música nas séries da educação básica.

Embora sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em agosto do ano passado, a lei dá o prazo de três anos letivos para que as escolas ponham em prática o ensino musical. No momento, as instituições se preparam para inserir o conteúdo musical no currículo. O Grupo de Articulação Parlamentar Pró-música luta pela causa desde 2006 e já aponta algumas iniciativas de sucesso. "Nada impede que o ensino de música possa ser implementado imediatamente onde houver recursos para isso. Já há várias cidades do país que vivem uma experiência de implementação da educação musical nas escolas há alguns anos, como Curitiba (PR) e São Carlos (SP)", diz Felipe Radicetti, coordenador do Grupo.

Desde que a lei foi aprovada, a comissão continua mobilizada, preparando pautas para serem discutidas em fóruns estaduais, com temas como metodologias, profissionais habilitados e ganhos para a aprendizagem. Os debates envolvem representantes dos músicos, educadores, dos ministérios da Educação e da Cultura e as Secretarias de educação.

Em agosto passado, as revistas Carta Escola e Carta Fundamental e a Associação Brasileira de Música realizaram em São Paulo o Seminário Música na Escola, evento que reuniu músicos e educadores para discutir o assunto. "A educação musical deve enriquecer exponencialmente as relações sociais e os vínculos com a escola. Ela deve estar presente de forma transdisciplinar com outras matérias. Mas além disso a prática coletiva da música é fundamental. A escola deve exercer um papel de resistência cultural, e a música é um dos mais fortes bens simbólicos de nossa cultura", afirmou Felipe Radicetti.

O objetivo do projeto não é de formar músicos, mas ouvintes musicalmente alfabetizados que tenham noções de harmonia, melodia e ritmo. O cantor e compositor Hylton, que há seis anos também leciona música, está otimista com a aprovação da lei. "Em minhas aulas, procuro trabalhar a voz, a respiração e a dicção para que as crianças possam usar esses conhecimentos no seu dia a dia. Cantando, elas também aprendem a se concentrar mais e a trabalhar em grupo", explica.

Para o diretor da Escola de Música Villa-Lobos (EMVL), José Maria Braga, a música vai mudar consideravelmente a rotina das escolas. "A educação musical contribui para a construção da cidadania e para o crescimento intelectual de crianças e jovens", afirma Braga, que também destaca a preocupação com a qualificação dos professores. "Fico preocupado com o profissional que estará à frente dessa honrosa tarefa. Isso tem sido discutido na comissão provisória organizada pela Funarte, formada por representantes do Conservatório Brasileiro de Música, Sindmusic, Associação Brasileira de Educação Musical e GAP".

IDEIA DE GÊNIO

Por coincidência, é no ano em que se completa 50 anos de morte de Heitor Villa-Lobos que o Brasil reforça o debate com as classes envolvidas e a sociedade para exigir um ensino com mais qualidade para nossas crianças e jovens. O ensino de música nas escolas regulares do país foi idealizado pelo compositor Heitor Villa-Lobos em 1932, durante o governo de Getúlio Vargas. Uma década depois, surgiu o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, voltado para a formação de professores. Mas, em 1972, durante o regime militar, a obrigatoriedade da música nas escolas foi extinta, por Jarbas Passarinho, então ministro da Educação e Cultura.

AGENDA

NOVAS IDEIAS SOBRE MÚSICA

O projeto Unimúsica, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, promoverá o seminário Novas Ideias Sobre a Música, que propõe reunir ensaístas e pesquisadores que têm se dedicado ao estudo da canção criada no Brasil. O seminário está marcado para os dias **3 e 4 de novembro**, na Sala II do Salão de Atos da Universidade. A entrada é gratuita. Informações pelo e-mail unimusica@ufrgs.br.

PRODUÇÃO DO CEARÁ

A próxima edição do festival Ponto.CE está marcada para os dias **6 e 7 de novembro**, na **Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura**, Fortaleza (CE). O evento tem o objetivo de divulgar a produção de bandas do Ceará. Mais informações no site www.pontoce.com.br



NOISE FESTIVAL

O maior festival de música independente do país comemora seu 15º aniversário em Goiânia. Shows, filmes, artes visuais e seminários estão programados para o dia **23 de novembro**. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail eventos@monstrodiscos.com.br ou pelo telefone (62) 3281-5358.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PIANO

A 26ª edição do Concurso Internacional de Música da Cidade do Porto recebe **inscrições de pianistas até 31 de dezembro** de 2009. Os interessados devem enviar o currículo e uma interpretação de obra pré-clássica ou clássica e uma obra romântica. **O evento acontecerá dos dias 13 a 24 de julho de 2010 e oferece prêmio de até 8 mil.** Mais informações: www.concursomusicaporto.com.



PARA AMADORES E PROFISSIONAIS

The John Lennon Songwriting Contest está aberto a compositores amadores e profissionais. Os candidatos podem concorrer em até 12 categorias e devem se inscrever **até 15 de dezembro de 2009. O total em prêmios chega a US\$275 mil.** Mais informações no site www.jlsc.com.

FESTIVAL DE COPENHAGEN

O Womex 09 **acontece do dia 28 de outubro a 1º de novembro de 2009.** O evento internacional que reúne shows musicais, documentários, conferências e negócios há 14 anos será realizado, dessa vez, em Copenhague, na Dinamarca. Mais informações no site www.womex.com.



CULTURA LATINA

A segunda edição do festival ibero-americano El Mapa de Todos, dedicado à integração cultural da América Latina, acontecerá nos dias **21 e 22 de novembro**, em Brasília. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail senhorf@senhorf.com.br.

ASCAP INTERNATIONAL AWARDS PROGRAM

A UBC está recebendo **inscrições para o prêmio internacional até o dia 30 de novembro.** Para se candidatar, o artista deve ter feito show nos Estados Unidos no período de 1º de outubro de 2008 a 30 de setembro de 2009. Mais informações no Setor de Comunicação da UBC, pelo telefone (21) 2223-3233.

FESTIVAL NA FRANÇA

A Coups de Vents está organizando o 1º International Band Competition e 1º Wind Music Festival, na França, dos dias 9 a 14 de julho de 2010. **As inscrições para a competição estão abertas até 1º de novembro de 2009.** Mais informações no site www.coupsdevents.com.

SEUS DIREITOS NO EXTERIOR.

O associado da UBC tem a mais ampla representação do seu repertório no exterior.

Direitos Autorais de Execução Pública
em mais de 130 países e territórios.

Direitos Conexos de Execução Pública
em mais de 20 países.

Direitos Fonomecânicos
em mais de 80 países e territórios.

O NOSSO DEPARTAMENTO INTERNACIONAL TRABALHA PARA IDENTIFICAR SEU REPERTÓRIO FORA DO BRASIL.

Entre em contato conosco fornecendo maiores informações sobre o uso da sua obra no exterior para garantirmos o melhor atendimento possível.

Tel.: (21) 2223-3233 / international@ubc.org.br / www.ubc.org.br



DO COMPOSITOR PENINHA AO MÚSICO HAMILTON DE HOLANDA.



Fotos de divulgação

TODAS AS CATEGORIAS ESTÃO NA UBC.

RIO DE JANEIRO

Rua Visconde de Inhaúma, 107. Centro
Rio de Janeiro - RJ. CEP: 20.091-007
Tel.: (21) 2223-3233 / Fax: (21) 2516-8291
ubcsp@ubc.org.br

SÃO PAULO

Rua Cincinato Braga, 321/ 11º andar. Bela Vista
São Paulo - SP. CEP: 01.333-011
Tel.: (11) 3326-3574 / Fax: (11) 3315-8389.
ubcsp@ubc.org.br

RECIFE

Rua Francisco Alves, 590/ 803 -
Empresarial Negocial Center. Ilha do Leite
Recife - PE. CEP: 50.070-490
Tel.: (81) 3421-5171 / Fax: (81) 3421-5119
ubcrecife@ubc.org.br

BAHIA

Av. Prof. Magalhães Neto, 1752/ 602 - Ed. Lena Empresarial
Pituba - BA. Cep: 41.810-012
Tel.: (71) 3272-0855 / Fax: (71) 3272-0856
ubcbahia@ubc.org.br

MINAS GERAIS

Av. Alvares Cabral, 344/ 905 - Ed. Europa. Centro
Belo Horizonte - MG. CEP: 30.170-911
Tel.: (31) 3226-9315 / Fax: (31) 3226-8951
ubcmg@ubc.org.br

PORTO ALEGRE

Rua Quintino Bocaiuva, 655/ 501. Bairro Floresta
Porto Alegre - RS. CEP: 90.440-051
Tel.: (51) 3222-2007 / Fax: (51) 3222-1986
ubcrs@ubc.org.br

BRASÍLIA

Representante: Gustavo Vanconcellos
SRTV Sul Qd.701 Bloco K, sala 613
Brasília - DF. CEP: 70.340-000
Tel.: (61) 4063-8579 / Fax: (61) 3225-7087
gustavo.vasconcellos@ubc.org.br

WWW.UBC.ORG.BR